

Para uma Etnoarqueologia da Cerâmica *Mati*

José María López Mazz¹

Resumo

Como uma investigação realizada com “olhos de arqueólogo”, este trabalho discute aspectos teórico-metodológicos da aproximação etnoarqueológica. Pretendemos, mais além da pura analogia, apoiar o trabalho de interpretação arqueológica das sociedades pré-históricas das terras baixas sul-americanas. Apresentamos informações recolhidas entre o grupo *Mati*, às margens do rio Itui em 2000, sobre a fabricação e uso de recipientes cerâmicos. A análise ilustra relações sociais ligadas à tecnologia e à geração de um registro material aldeão das terras baixas.

Palavras-chave: Etnoarqueologia *Mati*, cerâmica, arqueologia Amazônica.

Abstract

This investigation, undertaken with an archaeological gaze, discusses some theoretical and methodological aspects of the ethnoarchaeological approach. This article intends, beyond simple analogy, to contribute to the archaeological interpretation of prehistoric societies of the South American lowlands. It offers information on the production and use of pottery by the *Mati*, obtained at the shores

¹ Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação. Universidad de la República. Calle Magallanes 1577, Montevideo, Cep. 11200. Uruguay. lopezmazz@yahoo.com.ar.

of the Ituí River in the year 2000. The analysis illustrates social relations connected to technology and to the production of a lowland village material record.

Keywords: *Matis* Ethnoarchaeology, pottery, Amazonian archaeology.

O presente trabalho expõe informação etnográfica sobre a fabricação e o uso dos diferentes recipientes cerâmicos confeccionados pelo grupo amazônico *Matis*. O principal interesse do trabalho não é, em si mesmo, o de fazer etnografia *Matis*, senão o de orientar nosso olhar de arqueólogo a um aspecto preciso e controlado da economia deste grupo: o sistema de produção e consumo da cerâmica. Ademais, através da cerâmica podemos realizar também diferentes leituras sobre a relação entre tecnologia e sociedade. Esta situação adquire particular interesse para a Antropologia e a Arqueologia Sul-americana, preocupadas em aprofundar seu conhecimento sobre a transformação (histórica e cultural) dos sistemas sociais dos caçadores coletores das Terras Baixas.

O grupo *Matis* foi contatado oficialmente pela Fundação Nacional de Ajuda ao Indígena (FUNAI/Brasil) em 1976 (Eriksson 1996). Os *Matis* habitam na aldeia Aurélio, sobre o rio Ituí, afluente do rio Javari, no Oeste da Amazônia (Figura 1). No momento do contato eram uns 200 indivíduos, porém afetados pelo choque bacteriológico, em 1983 restavam 83 vivos. Portanto, qualquer expectativa de sobrevivência como entidade cultural autônoma era pessimista (Eriksson 1991, 1996). Contra todo prognóstico, no ano de 2000 a população alcançou 213 indivíduos. Os *Matis* são falantes de língua *Pano* e fazem parte do ramo setentrional do grupo denominado *Mayoruna*, contatado em 1880, época em que foram dizimados por atividades vinculadas à extração de borracha. Em 1990, o etnólogo Philippe Erikson destacava que a etnografia dos grupos *Pano* estava, a semelhança do estudo de seus recipientes cerâmicos,

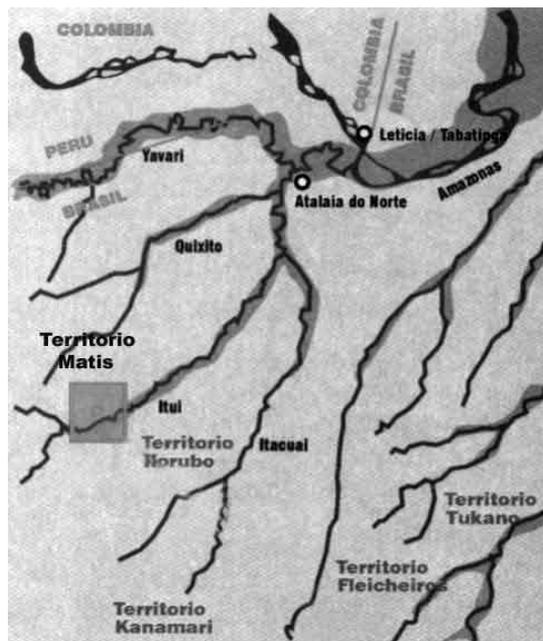


Fig. 1- Territorio *Matis*

“ainda crua” e demandava aos arqueólogos um estudo sobre a cerâmica dos grupos *Pano* e sua herança *Mayoruna*.

O trabalho, em sua primeira parte, retoma aspectos teórico-metodológicos próprios da aproximação etnoarqueológica. Na segunda parte, expõe e discute informação de primeira mão produzida em campo. O trabalho pretende ir mais além da analogia e apoiar nosso trabalho de interpretação arqueológica das formações econômico-sociais que habitaram um pouco mais ao sul, nas Terras Baixas da bacia do rio da Prata a partir do IV milênio antes do presente (López Mazz 2001).

A arqueologia consumindo etnografia: aspectos teóricos

As observações arqueológicas e etnográficas sobre a cultura material têm provocado um debate a respeito da pertinência das condições de comparação entre ambas bases de dados (Binford 1968; Estevez y Vila 1996; Gándara 1990; Hernando 1995; Politis 1996b; David y Kramer

2001). O estudo etnográfico de culturas atuais, desde uma perspectiva arqueológica (subdisciplina da Antropologia, disciplina auxiliar da História e método arqueológico), analisa vínculos entre cultura material e conduta, entre passado e presente, ao mesmo tempo que desenvolve argumentações por analogia (David y Kramer 2001:33; Hernando 1995).

Pouco a pouco, a arqueologia tem revalorizado o uso analógico das relações entre conduta humana e a variabilidade de seus produtos (e circunstâncias materiais). Por este caminho, o reconhecimento de uma natureza mais ampla e diversa do “dado arqueológico” associou-se a busca de leis específicas do comportamento e melhorou o uso da informação etnográfica no raciocínio arqueológico (Binford 1968; Gándara 1990; Watson et al 1979).

Alguns etnógrafos das Terras Baixas Sul-americanas têm reconhecido que seus estudos não têm sido suficientemente exaustivos em relação à “cultura material” (Lizot 1984). A partir de uma ótica arqueológica, Politis (1996a:19) entende que “a etnoarqueologia é um tipo de etnografia que enfoca alguns aspectos e relações não abordados pelas etnografias tradicionais”. Estévez e Vila (1996) destacam que a diferença de objeto de estudo e de método têm gerado um divórcio entre etnografia e arqueologia, marcando as limitações mútuas na hora de estudar as diferentes manifestações de um fenômeno, como a “formação social”. Estes autores advertem para o perigo de correlacionar categorias sociais da etnografia com categorias materiais definidas arqueologicamente, já que uma etnografia descritiva só poderá ajudar a uma arqueologia descritiva, na medida em que perpetua o preconceito histórico-cultural que correlaciona a categoria etnia na etnografia como explicativa ou correspondente a categoria descritiva de “culturas materiais” na arqueologia (op.cit.18).

Gándara (1990), retomando a argumentação de Binford (1968), realiza uma avaliação conclusiva sobre o uso da analogia etnográfica em uma concepção materialista histórica. As-

signala que o trabalho arqueológico requer um nível de teoria substantivo sobre os processos sociais e outro observacional (chamado teoria arqueológica) sobre processos de formação e transformação de contextos. Para este autor, a Etnoarqueologia não é uma nova teoria social substantiva, ainda que aporte reflexões e princípios gerais à teoria arqueológica (Gándara 1990). Ressalta-se a importância dos estudos realizados em relação aos problemas de formação e transformação dos contextos, isto é, aos problemas gerais da teoria arqueológica; porém, adverte quanto aos riscos do particularismo histórico e de que os arqueólogos atuem como etnógrafos aficionados (op.cit).

Irmhid Wüst (1998:674), por sua vez, expõe uma perspectiva que vincula teoria, prática e ética ao sugerir que as investigações etnoarqueológica e etnohistórica são importantes para transformar a investigação arqueológica em uma ferramenta para a defesa da propriedade indígena da terra. Este é um elemento importante, em momentos em que muitos arqueólogos Sul-americanos assumem a necessidade de uma atividade profissional com especificidades históricas próprias e um compromisso das ciências sociais com um processo sustentado de descolonização.

Virtudes metodológicas

O uso da analogia etnográfica não é um puro exercício de sentido comum e livre associação. Pelo contrário, os arqueólogos, como qualquer outro cientista, devem contrastar sistematicamente suas hipóteses. A informação etnográfica permite conceber e testar hipóteses que vinculam comportamento e cultura material, inspirando modelos que estudam as interações entre relações sociais e estruturas arqueológicas. A informação etnográfica serve para construir e verificar modelos, porém as proposições devem ser resolvidas com hipóteses verificáveis através de informação arqueológica (Binford 1968).

A analogia etnográfica é um procedimento heurístico para produzir hipóteses, porém o

mais importante é a história de sua contrastação, já que a analogia, como sustenta Gándara (1990), não é prescindível, senão indispensável para a inferência arqueológica. A partir do reconhecimento de uma “analogia etnográfica orientadora”, assume-se tanto para o passado como para o presente, uma relação estreita entre atividade humana e contextos materiais. Para Gándara (op. cit.), o trabalho analógico depende da relevância e do grau de homogeneidade das propriedades compartilhadas que atuam permitindo a projeção do contexto de referência ao contexto do objeto. A lógica deste procedimento é similar a da amostragem estatística que enfatiza a homogeneidade das unidades de amostragem.

De Boer y Lathrop (1979) assinalam que existe isomorfismo entre comportamentos humanos e as representações arqueológicas derivadas do “registro” material. Portanto, importa observar o comportamento e seus produtos, tratando de especificar a relação entre ambos. Como destacam estes autores (op. cit.), o interesse da Etnoarqueologia tem relação com a possibilidade de documentar, através da relação dialética entre atividade e produto, a passagem do objeto desde seu contexto sistêmico comportamental contemporâneo (sensu Schiffer 1972) e sua incorporação ao registro arqueológico.

Os estudos sobre o grupo amazônico *Nukak* orientam sua análise à subsistência, ao assentamento, à tecnologia e à mobilidade forrageira dos caçadores da selva tropical (Politis, 1996a, 1996b). A mobilidade não parece ser produto da baixa produtividade ecológica (como foi sustentado). Pelo contrário, constitui uma estratégia original de gestionar os recursos que se apresentam concentrados em dadas partes do território, movendo-se os *Nukak* para produzir (Politis, 1996a). Estas investigações têm dado novo impulso ao estudo da mobilidade caçadora coletora pré-histórica, realizado a partir de contextos materiais e da caracterização de assentamentos.

Estévez e Vila (1996), trabalhando na Terra do Fogo, buscaram através do estudo etno-

histórico depurar a metodologia arqueológica e verificar modelos ou leis gerais do modo de produção caçador coletor. A partir de uma definição de “traços essenciais” no interior de uma mesma cultura (*Yamana*), buscaram ver como estes ficavam materializados no registro arqueológico e etnohistórico. A arqueologia do Canal de Beagle tem tirado bom proveito da informação etnográfica e etno-histórica, ao facilitar os estudos da organização espacial dos assentamentos (e das unidades habitacionais) e da singular “adaptação” humana àquelas latitudes (Piana et al. 1992).

Também na Terra do Fogo, Legoupil (1996) assume que a informação dos povos atuais é relevante na interpretação dos povos do passado. Partindo da técnica de escavação “paleo-etnográfica”, proposta por Leroi-Gourhan (1957), e definindo os “elementos objetivos”, comparou a organização espacial de um acampamento caçador coletor patagônico da época pré-histórica (aproximadamente IV milênio AP) com outro de época moderna. Com um estudo detalhado das “variáveis objetivas” do registro arqueológico, Legoupil (1996) apóia a interpretação funcional na analogia etnográfica e conclui reconhecendo a influência do determinismo ecológico e da estrutura social na organização espacial dos acampamentos.

Na região amazônica, estudos atuais que integram informação arqueológica e etnográfica permitem discutir os estereótipos neocoloniais de marginalidade ecológica e cultural tradicionalmente atribuídos às sociedades das Terras Baixas (Steward 1946). Neste sentido, o grau de desenvolvimento social, a demografia, os padrões de assentamento e a mobilidade econômica que haviam sido propostos vêm sendo questionados a partir de investigações que articulam informação etnográfica e arqueológica de primeira mão (Heckemeberger et al. 1999; Wüst y Barreto 1999). Para entender os processos de aculturação no Brasil Central, Irmhild Wüst (1998:674) propõe orientar o olhar arqueológico e etnográfico aos levantamentos regionais

exaustivos, com especial atenção para a morfologia dos sítios, os padrões de assentamento e a variabilidade espacial intra-sítio.

Coleta e processamento dos dados

As observações foram realizadas entre junho e julho de 2000 na aldeia Aurélio sobre as margens do rio Ituí. Prestou-se especial atenção ao registro daqueles aspectos sociais que apresentam um interesse direto para o trabalho arqueológico: economia, mobilidade, ocupação do território e tecnologia. Nesta ocasião apresenta-se uma base de dados relativa a tecnologia

cerâmica. As imagens e a descrição sobre a função dos recipientes cerâmicos que aqui se expõem são produto de entrevistas e observações realizadas nas diferentes áreas de atividade e com a colaboração de diferentes “informantes chave”. Na aldeia Aurélio obteve-se informação “locacional” que permite realizar uma análise espacial sobre a localização dos diferentes recipientes na aldeia. Tais observações puderam ser contrastadas logo na visita a uma aldeia abandonada (há mais de cinco anos atrás) do Igarapé Boiadeiro, lugar onde o grupo habitava anteriormente, no momento do “contato”.

Para conhecer os aspectos tecnológicos, acompanhamos e registramos as diferentes etapas



Fig. 2 - Senhora *Shari* no seu lugar de trabalho

do trabalho da Senhora Shari, mulher responsável pela produção dos objetos cerâmicos (Figura 2). A informação obtida foi traduzida em mapas distribucionais de maneira a representar a organização e a distribuição espacial das zonas de produção e de consumo dos diferentes objetos cerâmicos.

O objetivo e a justificativa deste trabalho

Em primeiro lugar, este trabalho tem valor em relação ao estudo das sociedades amazônicas atuais, já que aprofunda o conhecimento dos grupos *Mayoruna* através de uma aproximação à “facção política *Matis*” (Erikson 1996:19). Este trabalho busca melhorar nossa compreensão da variabilidade que apresentam as diferentes associações de restos materiais (e outros vestígios) que constituem o testemunho da produção social de grupos caçadores coletores horticultores das Terras Baixas Sul-americanas, onde habitualmente desenvolvemos nosso trabalho de arqueólogo.

Especialmente, buscamos entender os padrões espaciais internos da aldeia através do estudo do deslocamento espacial das atividades de fabricação e de uso da cerâmica, nos diferentes lugares ou âmbitos da sociedade *Matis*. As observações realizadas pretendem contextualizar socialmente as atividades vinculadas à cerâmica *Matis* e, ao mesmo tempo, apoiar as inferências e interpretações ao nível do registro arqueológico.

Um objetivo específico é explorar os alcances metodológicos (epistemológicos e heurísticos) do trabalho arqueológico. Outro é o de desenvolver instâncias de investigação que efetivamente contribuam para melhorar as relações, às vezes pouco claras, que vinculam antropólogos e arqueólogos com seus objetos de estudo. Se bem que nosso âmbito de trabalho habitual não é a Amazônia, esperamos que a informação produzida apóie o debate atual em torno do povoamento pré-histórico da região, particularmente em relação às tradições

cerâmicas (Pintada e Incisa) (Neves, 2005). A informação coletada neste contexto etnográfico *Matis* pretende servir de referencial específico e válido para o trabalho de investigação arqueológica sobre assentamentos pré-históricos de grupos caçadores agricultores (ceramistas) que ocuparam as Terras Baixas Americanas do norte e leste do Uruguai e do sul do Brasil (López Mazz 2001).

A produção da cerâmica *Matis*

A produção da cerâmica *Matis* envolve conhecimento e trabalho de mulheres. A confecção é realizada em um lugar especializado para o trabalho artesanal que se situa periférico a aldeia (Figura 2). Os conhecimentos sobre a manufatura são transmitidos por linha feminina e isto constitui um dos aspectos visíveis da divisão sexual do trabalho nesta sociedade. O objeto de trabalho está representado pela argila que se extrai das barrancas dos cursos de água próximos. Esta argila é misturada logo com cinzas da casca de uma árvore chamada *miii* (Figura 3). Este antiplástico de uso habitual pelos povos da Amazônia é conhecido como cariapé. Previamente a mistura com argila, as cinzas são filtradas em um coador chamado *sekte* (Eriksson 1999).

A modelagem dos recipientes realiza-se através da confecção de “roletes” que são unidos e alisados com uma concha e logo com uma semente de fruto de palma (Figura 4). O tratamento das superfícies de alguns recipientes recebe finas camadas de barbotina para lhes dar acabamento.

Os recipientes *Matis* são secados a sombra durante um dia e logo são cozidos. Primeiro em um fogo suave onde são colocados sobre os troncos. Finalmente se cozinha em um fogo forte, onde são colocados no interior da lenha (Figura 2).

A força do trabalho responsável pela manufatura cerâmica está representada por mulheres. Não obstante, não vimos meninas



Fig. 3 - Antiplástico vegetal *mui* (cariapé)



Fig. 4 - Concha e semente de palma usadas como ferramentas

aprendendo esta manufatura. Pudemos apreciar incidentalmente a presença de meninos e anciãos que estavam no lugar de trabalho da artesã. Eles cooperaram em assegurar a lenha, porém a manutenção e controle das fogueiras usadas no processo de fabricação são uma atividade inteiramente a cargo da artesã.

As circunstâncias e/ou o momento no qual a artesã se põe a fabricar recipientes está marcada pela necessidade de reposição de peças. Os recipientes cerâmicos são meios de produção eficazes no seio da economia doméstica, como utensílios para o processamento de vegetais

(cultivados e coletados) e de animais caçados (fervidos). A realização de cerimônias é o momento para o uso dos recipientes maiores de tipo “comunitário” e de outros pequenos usados para beber ou vinculados à tatuagem. As cerimônias são uma oportunidade para a fabricação de máscaras de alto valor simbólico. No contexto cerimonial masculino utilizam-se também “trombetas” e recipientes para o “curare”. O desejo de realizar intercâmbios fora do grupo é outra razão, além do consumo no interior do grupo, para produzir peças cerâmicas.

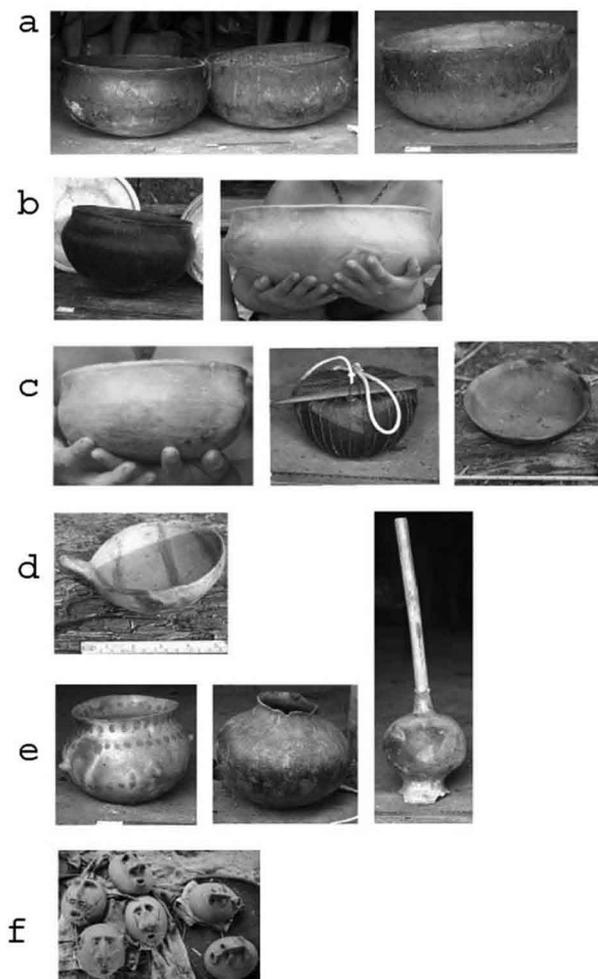


Fig. 5 - Tipologia de formas cerâmicas

Tipologia e Função dos Produtos Cerâmicos

As formas das vasilhas, suas dimensões e o uso que se faz delas relacionam-se com a utilidade que apresentam, tanto na produção, como no consumo dos alimentos. A seguinte tipologia (Figura 5) expressa um cruzamento entre a informação morfológica e métrica proveniente de nosso registro e aquela recuperada durante as entrevistas realizadas nos diferentes âmbitos de uso.

Matzum é o nome genérico usado para recipiente cerâmico. O primeiro tipo (A) corresponde aos recipientes grandes (*norapa*) (aproximadamente 50 cm de diâmetro e 30 cm de altura), denominados *norapa matzum* e usados para as festas e cerimônias, onde se preparam as bebidas cerimoniais a base de milho, banana ou fruto da palmeira de buriti. Também durante as festas se cozinha carne para muitas pessoas nestes recipientes (Erikson 1990:57).

O segundo tipo (B) corresponde aos recipientes de dimensões medianas, *matzum* propriamente ditos (aproximadamente 30 cm de diâmetro e 15 cm de altura), usados nos fogões dos espaços unifamiliares para cozinhar carne (macaco, porco do mato, anta, tartaruga e peixe) e plantas domesticadas (mandioca, “*nymna*” e milho).

Um terceiro tipo de recipiente é de menores dimensões (C) (aproximadamente 16 cm de diâmetro e 7,5 cm de altura) e lhe chamam *matzum baku* (pequeno), usado durante o consumo de alimentos (C1) (carne, tubérculos e água). Alguns são usados para o trabalho artesanal (armazenamento de contas de colar). Um tipo especial está representado pelo recipiente que se usa para guarda o curare (*besbá*) (C2) (15 cm de diâmetro e 9,5 cm de altura). Este recipiente caracteriza-se por um acondicionamento vegetal de proteção que serve para tapá-lo e conservá-lo. Uma variedade de recipientes pequenos (C3) (12 cm de diâmetro por 4 cm de altura) constitui o que denominam *anchán*, usado para guardar as espinhas com que se realizam as tatuagens cerimoniais (*musha*) e sua função lhe confere caráter ritual.

O quarto tipo de recipiente (D1) é pequeno, com asa e lhe chamam *shuma*. Essa espécie de colher ou xícara é usada para beber individualmente em festas ou durante os ritos de iniciação. No contexto de consumo de *chicha*, ao recipiente se chama *nishkete*, enquanto na cerimônia da bebida *tachike* (cerimônia masculina associada à caça) seu nome muda para *enshkete* (Erikson 1990:59). O recipiente *shuma* mede aproximadamente 13 cm de diâmetro e 5 cm de altura.

Um quinto tipo corresponde aos recipientes globulares sem gargalo (E1, E2) (aproximadamente 18 cm de diâmetro máximo e 22 cm de altura), usados para armazenar água (*waca*). São denominados *waca matzum*, ainda que não sejam os únicos usados para este fim. Uma variedade é utilizada como forma base para a fabricação da trombeta cerimonial (ou buzina na literatura), chamada *matzumuma* (E3). Esta trombeta é fabricada a partir de um recipiente do tipo anterior (E) ao qual se perfura o fundo e se adere um apêndice cerâmico e logo um bambu pelo qual se sopra. Foi observado seu uso para convocar aos homens à cerimônia da bebida *tachike* e a toda aldeia durante a festa do *marivin*.

Finalmente, um sexto tipo original de produto cerâmico corresponde às máscaras



Fig. 6 - Shobo, casa comunal

cerimoniais para a festa tradicional do *marivin* (F) (17 cm por 12 cm), chamadas *marivin maschó*. Estas máscaras cerimoniais reproduzem os traços faciais (tatuagens e escarificações) próprios da identidade *Matis*. Sua fabricação se realiza a partir de um recipiente pequeno ao qual se aplicam apêndices para modelar as orelhas, a boca e o nariz. Finalmente, realiza-se o motivo *musha* que os próprios *Matis* levam tatuado no rosto.

A Distribuição Espacial da Cerâmica na Aldeia *Matis*

De nossas observações surge que os tipos cerâmicos usados em espaço domésticos correspondem a vários tipos: para cozinhar carnes e vegetais (tipo B), relacionados ao artesanato e ao ato de comer (tipo C1) e para acondicionar curare (tipo C2), água (tipo E2), *chuma* (tipo D) e *anchán* (tipo C3).

Estes espaços domésticos estão constituídos por uma família nuclear composta por um homem e uma a duas mulheres, várias crianças e algum membro próximo (tio(a), sogra, etc.). O *shobo* (Figura 6) comunal subdivide-se nestes espaços unifamiliares, nos quais se dorme, realiza-se o processamento de alimentos e onde as cerâmicas estão associadas a um fogo culinário, com acondicionamento (fossa, estrutura de estacas) e reutilização (Figura 7). Fazem parte destes contextos domésticos alguns recipientes pequenos (tipo C), usados pelas mulheres na confecção de artesanato (contas de colar, cordas) e pelos homens para armazenar curare.

Por outro lado, dentro da casa comunal, porém em um espaço substancialmente diferente, nossas observações revelaram cerâmicas de uso exclusivo no âmbito cerimonial do *shobo*, próximo ao *nantan*, que correspondem aos seguintes tipos: A1 e A2 (norapa *matzum*), E3 (*matzuma*), E2 (guardar água) e D (*chuma*).

Em grande medida, a distribuição espacial da cerâmica cerimonial está associada à divisão sexual e a organização do trabalho, gerando uma relação direta entre recipiente e espaços

femininos. Um conjunto de recipientes usados na cerimônia masculina do *tchatchiké* localiza-se no *nantan*, espaço central do *shobo* reservado aos homens.

No abrigo periférico usado para a confecção de cerâmica, localizam-se alguns recipientes pequenos (C1), usados na confecção de contas de colar, e outros para beber água neste lugar durante o trabalho (C1 e E1).

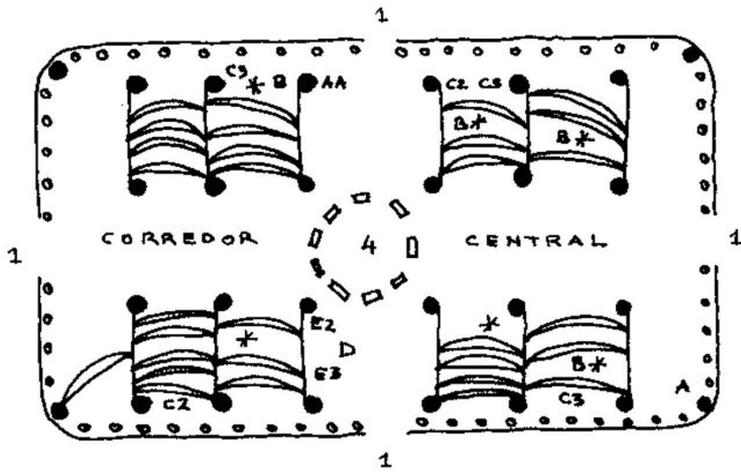
A localização de fragmentos cerâmicos de recipientes quebrados vincula-se a locais de trabalho como o de plantio (onde se leva água para beber) e aos riachos e caminhos. Em todos os casos, as observações realizadas correspondiam a produtos de acidentes durante o transporte de água à aldeia ou durante os trabalhos agrícolas.

Finalmente, pode-se observar algumas situações de reciclagem de fragmentos de grandes vasilhas (tipo A) para realizar fogos domésticos em algumas casas com piso de madeira (*takpan shobo*).

Possibilidades de uma etnoarqueologia da cerâmica *Matis*

Parece ser consenso que a Etnoarqueologia é uma interface disciplinar que possibilita uma metodologia arqueológica útil e que se tem obtido maior eficiência e controle das observações em aspectos relativos à subsistência, aos assentamentos e à cultura material. Não obstante, como foi destacado na introdução desta publicação, as melhores possibilidades da Etnoarqueologia devem ser estimadas para além da própria analogia.

Para avaliar as possibilidades de uma etnoarqueologia da cerâmica *Matis* partimos da convicção de que o trabalho arqueológico precisa de uma epistemologia que focalize fundamentalmente o trabalho, as relações sociais de produção e a própria materialidade de seus produtos (entre outros ver Bate 1998; Estevez y Vila 1996; Vicent 1998). É interessante o fato de que a Etnoarqueologia também contribui para aprofundar esta perspectiva materialista, ao ilustrar os aspectos imateriais (sociais, comuni-



- : pilares.
- : soporte del techo.
- ⌋ : hamacas.
- * : fogos domésticos.
- 1 : puerta.
- 1 : corredor de baile.
- 1 : corredor lateral.
- 4 : centro (*nantan*).
- B,C3,etc.: tipos cerâmicos.

Fig. 7- Plano do *shobo* com fogos domésticos

caçadores, religiosos, etc.) que constituem a face oculta da materialidade. Desta maneira, ajuda-se efetivamente aos arqueólogos, dando-lhes a conhecer situações culturais e condutas concretas de formação do registro, no lugar de deixá-los imaginá-las livremente, em abstrato.

Entre outras coisas, pode-se assinalar como elemento positivo que o referencial *Matis* presta bom serviço para o estudo de contextos arqueológicos nos quais aparecem imersos os produtos cerâmicos. O chamado “tipo cerâmico”, suas dimensões, frequência e associações com outros elementos do registro permitem a elaboração de tipologias e hipóteses de trabalho

que apóiam a interpretação dos contextos arqueológicos em termos de áreas de atividade. Isto permite também se aproximar, por inferência, ao número de pessoas e as relações sociais vinculadas à produção, à circulação e ao consumo destes produtos.

Outra potencialidade se dá em relação à análise comparada da organização espacial do assentamento *Matis* e o da estrutura dos sítios arqueológicos das Terras Baixas Sul-americanas, já que aporta um modelo específico das sociedades caçadoras agro-ceramistas. De fato, além dos modelos referenciais *Nukak* (Politis 1996b) e *Yamana* (Vila y Estevez 1996), usados no estudo

de caçadores coletores pré-históricos que protagonizaram o povoamento americano e as primeiras etapas de sua colonização (do XIII ao VI milênio AP), a aldeia *Matis* oferece um modelo específico para o estudo de algumas formações econômico-sociais substancialmente diferentes e cronologicamente posteriores ao VI milênio AP.

No caso dos grupos caçadores coletores, o modelo de assentamento seria do tipo concentrado ou agregado, com várias atividades em um mesmo espaço. Por outro lado, no exemplo caçador agricultor o modelo seria do tipo desagregado ou desconcentrado, com áreas de atividade especializadas, dispersas e desconectadas, em um assentamento de maior extensão espacial e inserção territorial.

Da variabilidade arqueológica cerâmica explicada analogicamente em termos de produtos de padrões de conduta específicos, podemos inferir diferentes tipos de relações sociais. Deste modo, os espaços de produção artesanal, de consumo doméstico e de consumo cerimonial adquirem fisionomia própria e podem inspirar hipóteses de trabalho desde o contexto “comportamental” observado (dinâmico e sistêmico) até o cenário de sua contrastação no registro arqueológico (estático e singular).

Os padrões recorrentes de associação de objetos arqueológicos permitem (apoiados na analogia *Matis*) inferências em termos de áreas de atividade especializada e de atividade de gênero. Com efeito, a formação econômica e social *Matis* parece fortemente marcada pela divisão sexual do trabalho, que de maneira dialética se opõe. Por um lado, o trabalho feminino de produção de recipientes e de processamento doméstico de alimentos; por outro, o consumo masculino cerimonial de objetos (máscaras, recipientes de bebida para ritos masculinos, curare, trombeta).

As relações de parentesco também se associam de alguma maneira à produção da variabilidade arqueológica. Elas primam no espaço de consumo doméstico, enquanto as relações de cooperação extrafamiliares dominam entre os companheiros de caça que compartilham várias

cerimônias masculinas. Os recipientes maiores associam-se à produção feminina de bebidas cerimoniais (e, eventualmente, comida), porém também ao âmbito cerimonial maior e mais amplo de todo o grupo (festas do *marivin* e *capivara*) onde se atualizam a organização social e a identidade grupal. A localização destes recipientes está associada ao corredor central da casa comunal, elemento que simboliza o rio e ordena tanto o universo, como a vida *Matis*. O consumo individual está marcado pelo emprego do recipiente denominado *chuma*, um copo ou colher de cerâmica com a qual necessariamente deve-se beber tanto o *chatchik*, como a cerveja de milho (*uma*).

Em termos arqueológicos e partindo do referente *Matis*, esperamos poder identificar em nossos sítios áreas especializadas de fabricação de objetos cerâmicos, a partir de contextos onde se possa diagnosticar a associação singular entre matérias primas (argila, antiplásticos, corantes), ferramentas, fogo e os próprios vestígios cerâmicos. Também partindo dos mesmos referenciais, pode-se inferir contextos domésticos unifamiliares através da associação entre estruturas de combustão, recipientes de tamanho e forma padrão, diversas ferramentas (armas de caça, etc) e artesanatos (recipientes pequenos, contas de colar, cordas), com marcas de postes. São específicos destes contextos domésticos a presença de elementos estruturais da habitação comunal tradicionalmente identificados como “marcas de postes”.

A identificação destes contextos domésticos adquire particular relevância para a arqueologia das Terras Baixas. De fato, a recorrência destes contextos e sua associação espacialmente contínua permitiriam a alguns arqueólogos afirmar que se tratam de “casas comunais”, no nosso caso o *shobo Matis* (porém também a *maloca Guarani*). Estas estruturas tradicionalmente conhecidas pela etnografia e arqueologia americana como “*long houses*” tem correspondido à prova por excelência capaz de identificar o advento das sociedades “segmentarias”, mais numerosas e sedentárias, as “*well planed villages*” (Dillehay 1996)

ou as “aldeias de agricultores” (Iriarte 2004). Isto adquire importância para nossa zona de trabalho arqueológico e para a investigação sobre os conjuntos de “cerritos” (estruturas em terra), em particular as estruturas de forma alongada (*long houses?*). A utilidade da analogia *Matis* na interpretação destas estruturas em terras, típicas das Terras Baixas, deve, no entanto, estar acompanhada por um trabalho “fino” de escavação e interpretação de “pisos de ocupação” e reconhecimento de elementos estruturais, sem os quais a analogia não dispõe, a nosso entender, do controle necessário.

Por outro lado, os contextos cerimoniais parecem possíveis de ser inferidos a partir de formas cerâmicas excêntricas (máscaras e trombetas) e/ou de recipientes de grandes dimensões. Os elementos cerâmicos isolados poderiam também receber uma atenção particular a partir desta perspectiva, segundo o defendido por Silva (2000). Esta já seria uma situação um pouco mais complicada de estabelecer com certeza em campo, ainda que os contextos funerários sejam sugestivos.

As diferentes instâncias nas quais operam a Etnoarqueologia e a analogia controlada podem co-variariar entre si, articulando um respaldo factual mais amplo ao conjunto da interpretação arqueológica. Isto permitirá entender melhor a relação entre tipos cerâmicos, suas dimensões, sua redundância, sua disposição espacial e sua relação relativa com outros elementos do registro.

Os limites de uma etnoarqueologia da Cerâmica *Matis*:

Sem abandonar as convicções sobre a utilidade de uma teoria substantiva de tipo materialista e das virtudes de um referencial Etnoarqueológico *Matis*, devemos assinalar, no entanto, a possível existência de alguns contextos cerâmicos, difíceis de reconhecer ou de “interpretar” na medida em que os vínculos que os situam em relação ao registro arqueológico não podem ser reduzidos exclusivamente a aspectos

da produção econômica e do consumo cotidiano. A aplicação de técnicas analíticas (ácidos graxos, silico-fitólitos, lâmina fina, etc) podem produzir dados de utilidade complementar e construir uma linha independente de informação neste tema.

Convém ter presente o proposto por Fabíola Silva (2000:226) que sugere melhorar as tipologias e as classificações de artefatos descontextualizados. O limite dos benefícios de uma Etnoarqueologia da cerâmica *Matis* pode situar-se, então, na identificação e interpretação de alguns contextos e/ou alguns objetos isolados como a cerâmica usada eventualmente nos abrigos periféricos para confeccionar *curare* ou as máscaras enterradas nos rituais.

É desejável sempre uma leitura atenta dos processos de formação de sítio, incluídos aspectos tafonômicos e pós-deposicionais, de maneira a controlar as limitações e melhorar as possibilidades do método. No mesmo sentido, convém ter consciência da escala das superfícies que os arqueólogos investigam (escavações) para poder entender melhor as áreas de atividade.

Como podemos ver, as melhores possibilidades de uma Etnoarqueologia da cerâmica *Matis* estão na observação controlada da materialidade nos diferentes espaços da sua produção social. Os aspectos metodológicos não podem, como já dissemos, perder de vista os aspectos imateriais que constituem a materialidade do objeto de estudo.

Os estudos etnográficos ilustram que as tecnologias, ademais de suas contingências econômico-sociais e materiais/adaptativas, estão imersas em um conjunto maior de relações práticas e simbólicas que as sociedades estabelecem com a natureza (Descola 2002, Silva 2000). Deste modo, a produção material constitui instâncias polissêmicas que codificam e comunicam relações sociais e conteúdos ideológicos, pelo que resulta perigoso criar uma separação taxativa entre os modos como o ambiente é usado e as formas de representação que lhe são dadas (Descola 2002; Politis 2000; Silva 2000).

Um exemplo disto é o fato de que a cerâmica *Matis* ser um suporte válido sobre o qual se expressa ou se comunica informação de distinta ordem social. Em um caso, trata da identidade feminina, associada estreitamente à produção e uso de recipientes. Outra circunstância é a cerâmica como suporte da identidade *Matis*, associada a alguns recipientes específicos de uso masculino (máscaras, trombetas, curare) e, particularmente, à decoração incisa com o motivo *musba*, presente em quase todos os recipientes. Isto pode ampliar em demasia a margem à arbitrariedade da relação entre significado e significante que o arqueólogo atribui ao “fato arqueológico”.

Esta situação vincula-se ao já advertido por Estevez e Vila (1996), os quais assinalam o perigo de vincular etnicidade e relações sociais com cultura material. Porém, no caso *Matis*, é fato que a produção da cerâmica dá suporte à identidade grupal. Esta limitação, apesar do exemplo *Matis*, tão pouco invalida a crítica geral realizada às interpretações difusionistas e histórico culturais que exageraram no uso da similaridade cerâmica. Não obstante, o exemplo da cerâmica *Matis* representa uma limitação natural desta própria crítica.

A cerâmica *Matis* contribui ademais para reforçar as relações sociais e a identidade social feminina/masculina. Como assinala Silva (2000), citando a Regina Miller e a Lux Vidal, a reprodução social e a transmissão cultural servem-se, entre outras coisas, da confecção e decoração dos objetos, ao mesmo tempo em que a cultura material é usada para definir identidades sociais e transmitir bens e prerrogativas entre grupos de parentesco. A cerâmica arqueológica, em alguns casos, seguramente não foge a esta situação e os padrões de sua variabilidade no registro podem ter estado pautada neste sentido. E aqui se abre uma nova linha de trabalho, onde a Etnoarqueologia se anuncia como um caminho válido para explorar.

Conclusões

Para concluir, cabe reafirmar o reconhecimento positivo do valor metodológico dos estudos etnoarqueológicos e sua utilidade para os arqueólogos que assumem a responsabilidade de interpretar e explicar, através do registro arqueológico, os modos de produção e de reprodução social das populações americanas pré-históricas. A etnoarqueologia, mais além da analogia, presta singular serviço já que permite melhor controlar a elaboração das representações arqueológicas e suas possibilidades de comparação. Isto dá mais resolução às generalizações e às inferências e, portanto, maior ajuste às conclusões finais as quais chegam os estudos.

A etnoarqueologia, e neste caso a etnoarqueologia da cerâmica *Matis*, apóia a interpretação da variabilidade arqueológica, tanto no tempo, como no espaço. Em nosso caso concreto, permite melhor entender as generalizações que estão na base da elaboração das chamadas “tradições cerâmicas” e como os aspectos comuns em nível técnico e morfológico-funcional se articulam com elementos decorativos, distintivos de valor político. Se bem que tenhamos em conta a advertência clássica sobre os perigos de relacionar estilos cerâmicos e sociedade, concordamos com Irnhild Wüst (1999:312) que às vezes nos repertórios cerâmicos pode-se reconhecer matrizes culturais, assim como processos de simbioses sociais expressadas na homogeneização estilística.

Resulta interessante reconhecer que a relação produção/consumo vinculada à cerâmica atravessa, de alguma maneira, uma organização social altamente marcada pela divisão sexual do trabalho. A partir desta perspectiva, a produção de recipientes e seu uso cotidiano ilustram o papel específico das mulheres na reprodução social no marco da economia doméstica. Em contraste, o vínculo masculino com a cerâmica se situa fundamentalmente no âmbito cerimonial (cerimônias tribais e de grupos corporativos de caça), contribuindo tanto à integração social, como à identidade e reprodução ideológica.

Para finalizar, queremos sublinhar as possibilidades da cerâmica *Matis* enquanto referencial válido para entender melhor a estrutura dos assentamentos dos grupos agricultores das Terras Baixas, já que assinala claramente áreas domésticas, cerimoniais e de trabalho artesanal. Neste sentido, realiza-se uma contribuição positiva ao estudo arqueológico da organização social, na medida em que o uso do espaço nos assentamentos humanos é particularmente sensível às relações de produção.

Agradecimentos

A Gonzalo Arijón e a Philippe Erikson. A Shari, Kanika e a Binán. A Adriana Dias e à Sociedade de Arqueologia Brasileira.

Artigo submetido à Revista da SAB em abril de 2008. Aprovado em junho de 2008.

Referências Bibliográficas

- BATE, L. 1998. *El proceso de investigación en Arqueología*. Crítica, Barcelona.
- BINFORD, L. 1968. Methodological considerations of the archaeological use of ethnographic data. *Man the Hunter*, R.Lee & De Vore, I. (eds.) pp. 268-273. Aldine, Chicago.
- DAVID, N. & KRAMER, C. 2001. *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DESCOLA, P. 2002. Genealogia de objetos e Antropologia da objetivação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 8:323-333.
- DE BOER, W. & LATHRAP, D. 1979. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics. *Ethnoarchaeology: Implications of Ethnography for Archaeology*, C. Kramer (ed.) pp.102-138. New York, Columbia University Press.
- DILLEHAY, T. 1996. *Some speculations about mounds of east of Uruguay and South of Brasil*. Manuscrito.
- _____. 2000. El paisaje cultural y público: el monumentalismo holístico, circunscripto de las comunidades araucanas. In: *Arqueología de las Tierras Bajas*, Durán y Bracco (eds.) pp.449-466. Montevideo, Ministerio de Educación y Cultura.
- ERIKSON, P. 1990. How Crude Is Mayoruna pottery? *Journal of Latin American Lore Los Angeles*, 16:1: 47-68.
- _____. 1991. Ritual dos Matis. In: *Horizonte Geográfico*, São Paulo, maio/junho: 12-24. _____. 1996. *La griffe des Aïeux*. Paris, Editions Peeters.
- ESTÉVEZ, J. e VILA, A.. 1996. Etnoarqueología: el nombre de la cosa. *Encuentros en los conchales fueguinos*, Estévez y Vila (eds.), pp.17-23. Barcelona, CSIC/UAB.
- GÁNDARA, M. (1990). La analogía etnográfica como heurística: lógica muestral, dominios ontológicos e historicidad". *En Coloquio Bosh-Gimpera*, pp.43-83. México, INAH.
- NEVES, E. 2005. "La Arqueología de las Tierras Bajas amazónicas". Curso de Post.Grado, Depto. de Arqueología Facultad de Humanidades. Montevideo.
- HECKENBERGER, M.; PETERSEN, J. & NEVES, E. 1999. Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil". *Latin American Antiquity*, 10 (4): 353-373.
- HERNANDO, A. 1996. La etnoarqueología hoy: una vía eficaz de aproximación al pasado. *Trabajos de Prehistoria*, Madrid, 52 (2):15-30.
- IRIARTE, J. 2004. Evidence for cultivar adoption and emerging complexity during the mid-Holocene in the La Plata basin. *Nature*, 432:614-617.
- LEROI-GOURHAM, A. 1957. *Les Feuilles Préhistoriques*. Paris, Piccard.
- LEGOUPIL, D. 1996. Organization spatiale, organization sociale. Du communautaire à l'individuel chez les nomads marins de Patagonie. *Journal de la Société des Americanistes*, Paris, 82 :31-61.
- LIZOT, J. 1984. Les yanomami centraux. *Cahiers de l'Homme Nouvelle Serie XXII*, Paris.
- LOPEZ MAZZ, J. M. 1988. *Approche historique et culturelle à la formation sociale et à la identité uruguayenne*. Thèse pour

le Doctorat de 3 èmme cycle. Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine, La Sorbonne Nouvelle (Paris III). 345pp. Microfiches Université de Lille, Lille.

_____. 1998. La construcción de túmulos entre cazadores-recolectores complejos del Este de Uruguay. In: *Fron-teiras*, Campo Grande, 2 (4): 297-378.

_____. 2001. Las estructuras tumulares (cerritos) del litoral Atlántico uruguayo". *Latin American Archaeology*, 12:231-255.

PIANA, E.; VILA, A.; ROQUERA, L. & ESTÉVEZ, J. 1992. Chronicles of Ona-Ashaga: archaeology in the Beagle Channel (Tierra deFuego, Argentina). *Antiquity*, 66:771-83.

POLITIS, G. 1996a. Moving to produce. *World archaeology-Hunter-Gatherer land-use*. Rowley-Conwy (ed.), 27 (3): 492-511.

_____. 1996b. NUKAK. Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas Sinchi. Bogotá.

_____. 1999. La actividad infantil en la producción del registro arqueológico de los cazadores recolectores. In: *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sur*, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, pp. 263-284.

SILVA, F. 2000. *As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingú e da cesteria dos Kayapó-Xikerin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. Tese de Doutorado, Universidade de Sao Paulo. São Paulo. Manuscrito.

SCHIFFER, M. 1972. Archaeological context and systematic context. *American Antiquity*, 35: 156-165.

STEWART, J. 1946. *Handbook of South American Indians*. Bulletin 143, Bureau of American Ethnology. Washin-gton, Smithsonian Institution.

VICENT, J.M. 1998. La Prehistoria del modo tributario de producción. *Hispania*. LVIII(3): 823-839.

WATSON, P.; LE BLANC, S. & REDMAN, C. 1974. *El método científico en Arqueología*. Madrid, Alianza.

WILLEY, G. 1999. Styles and state formation. *Latin American Antiquity*, 10(1):86-90. Washington.

WÜST, I. 1998. Continuities and discontinuities: archaeology and ethnoarchaeology in the heart of the Eastern Bororo territory, Mato Grosso, Brazil. *Antiquity*, Cambridge, 72(277):663-675..

_____. 1999. Etnicidade e tradições ceramistas: algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplemento 3* São Paulo, 303-317.

WÜST, I. & BARRETO, C. 1999. The ring villages of central Brazil. A challenge for Amazonian Archaeology". *Latin American Antiquity*, Washington, 10(1): 3-24.